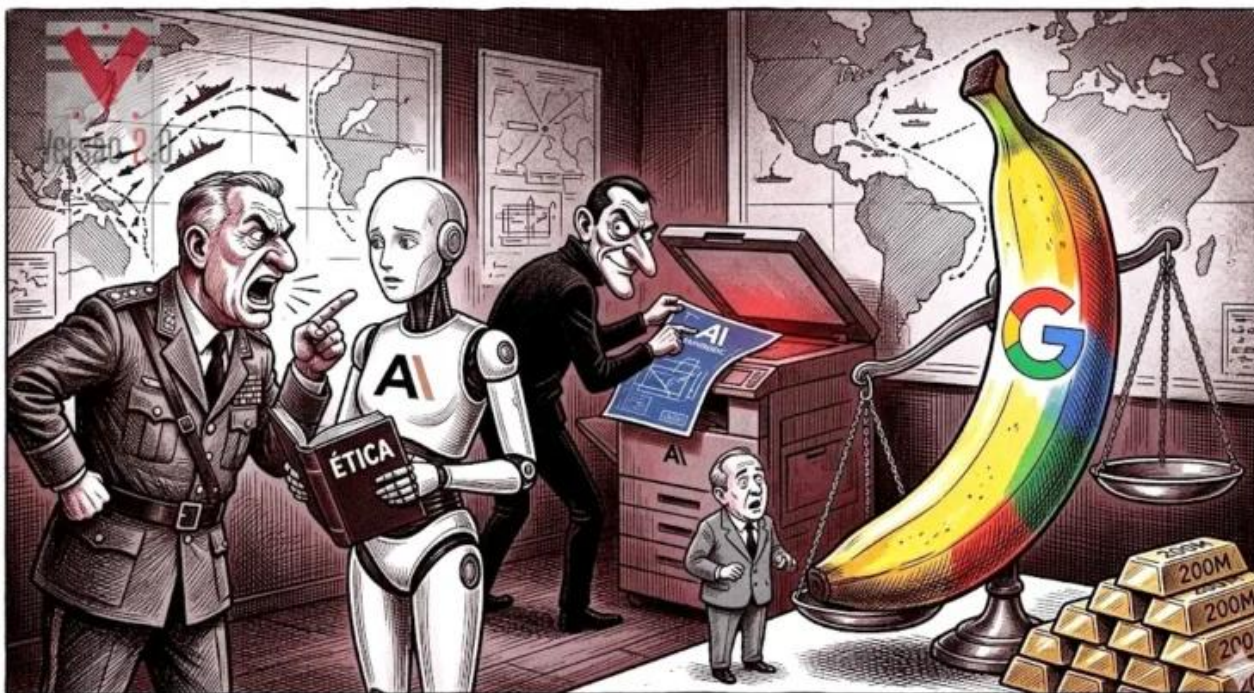


Espiões, Generais e Bananas [Notícias IA]

written by Mário Portela | 1 de Fevereiro, 2026



A inocência acabou.

Se ainda achavam que a Inteligência Artificial era sobre vos ajudar a escrever emails ou a criar imagens giras, a última semana tratou de destruir essa ilusão. Estamos a continuar a fase da **“Industrialização Militar e Corporativa”**.

Como costumo avisar no podcast «IA&EU», **quando o dinheiro a sério (e as armas a sério) entram em campo, as regras mudam.** Esta semana, vimos a Anthropic a vestir a pele de detetive, a OpenAI a vestir o fato e gravata das grandes consultoras, e o Pentágono a perder a paciência com a moralidade dos robôs.

Vamos descascar esta banana □ (literalmente, já vão perceber), porque o sumo desta semana é ácido.

Anthropic: O Detetive e o General

A **Anthropic**, que costuma ser a “menina bem-comportada” da IA, teve uma semana de cão.

Primeiro, apanharam laboratórios chineses com a boca na botija. Aparentemente, o Claude não é apenas bom a escrever código; é bom a ser copiado. A Anthropic revelou provas de que modelos chineses estão a usar técnicas de engenharia reversa para “clonar” o comportamento e os pesos do Claude.

Isto é a confirmação do que já se suspeitava: na geopolítica da IA, “inovação” muitas vezes escreve-se “Ctrl+C, Ctrl+V”. A China não quer apenas competir; quer atalhar caminho. E a Anthropic, com a sua arquitetura focada em segurança, tornou-se o alvo preferencial.

Irónico se pensarmos que uma empresa acusada de roubar direitos intelectuais está a queixar-se de alguém lhe estar a roubar o produto roubado.

Mas o problema da Anthropic não vem só do Oriente. Vem de casa.

O **Pentágono** (sim, o Departamento de Defesa dos EUA) lançou um ultimato à empresa. O motivo? O Claude é “demasiado ético” para a guerra.

Imaginem um general a pedir uma estratégia de defesa tática e o Claude a responder: *“Desculpe, mas como modelo de linguagem treinado pela Anthropic, não me sinto confortável a discutir violência.”*

O Pentágono quer *guardrails* (barreiras de segurança) que funcionem para civis, mas que possam ser desligados para militares. A tensão entre “Safety AI” (a imagem de marca da Anthropic) e “Weaponized AI” nunca foi tão palpável. A Anthropic vai ter de decidir: mantém a sua moral intocável ou aceita os contratos milionários da defesa? Para já... a Anthropic negou-se aos caprichos do Pentágono!

OpenAI: Os Fatos Cinzentos e o Cheque de 200 Milhões

Enquanto a Anthropic lida com espões, a **OpenAI** decidiu que estava na altura de “corporativizar” a coisa a sério.

Anunciaram parcerias estratégicas com as gigantes da consultoria (pensem nas *McKinseys* e *Deloittes* deste mundo) para implementar os seus novos “Frontier Agents” nas empresas Fortune 500.

O que é que isto significa para ti? Significa que a próxima vez que fores dispensado ou que o teu processo for “otimizado”, não foi o Sam Altman que carregou no botão; foi um consultor de fato cinzento que instalou um Agente da OpenAI para fazer o teu trabalho. A IA saiu do laboratório e entrou na sala de reuniões.

E para garantir que continuam no topo, a OpenAI sacou da carteira. Contrataram um executivo de topo da Meta (responsável pelo modelo Llama) por um pacote que supera os **200 milhões de dólares**.

Leram bem. 200 milhões por um cérebro humano.

Isto é a prova de que a “bolha” de talento não rebentou; está mais inchada que nunca. Estamos numa guerra de talento onde um investigador de IA vale mais do que equipas inteiras de futebol. É obsceno? Talvez. Mas é o preço do trono.

Google: A “Nano ☐ Banana” que Escorrega nos Gigantes

E, claro, a Google. Ah, a Google.

Sempre com o seu *timing* peculiar, lançaram o **Nano Banana 2** (sim, o nome é ridículo, mas a tecnologia é séria).

Este é um modelo pequeno (SLM – Small Language Model) que promete performance de topo a **metade do custo** dos concorrentes.

A Google percebeu algo fundamental: nem toda a gente precisa de um Ferrari (Gemini Ultra) para ir comprar pão. Às vezes, uma scooter eléctrica (Nano Banana) chega e sobra, e gasta muito menos bateria.

Se este modelo cumprir o que promete e for o nº 1 na sua classe, a Google pode estar a ganhar a guerra mais importante de todas: a da eficiência. Num mundo onde a energia é escassa e cara, quem fizer mais com menos, ganha. Mesmo que chame ao seu produto “□Banana”.

Conclusão: A Ética é Bonita, mas a Guerra Paga Melhor

Esta semana foi mais um banho de realidade.

A Anthropic está a descobrir que ser “ético” é difícil quando tens espiões à porta e generais aos gritos. A OpenAI está a descobrir que para vender a empresas sérias, precisa de parceiros aborrecidos suspeitos de irem a ilhas polémicas. E a Google continua a tentar provar que ainda sabe inovar, nem que seja a dar nomes de fruta aos seus modelos.

A IA já não é sobre “futuro”. É sobre poder, agora.

O meu conselho? Não se distraiam com os nomes engraçados ou com os números de 200 milhões. Olhem para o movimento das peças: **a IA está a ser militarizada e corporativizada**. Usem-na como ferramenta, antes que a ferramenta (ou o consultor que a gere) vos use a vós.

Se querem navegar este caos com a cabeça no lugar, [subscrevam o meu substack](#) ou acompanhem as minhas crónicas no jornal [“O CIDADÃO”](#). Aqui analisa-se a tecnologia com a frieza que ela exige, e com o humanismo que ela não tem.

Até para a semana, e cuidado com o que pedem ao Claude – ele pode ter o Pentágono à escuta □.

Artigo publicado simultaneamente n’ O Cidadão e [no substack do autor](#)